

**KHAN, SHEILA; SOUSA, SANDRA; SIMAS-ALMEIDA, LEONOR; GOULD, ISABEL A. FERREIRA; CAN, NAZIR AHMED (ORGS.). VISITAS A JOÃO PAULO BORGES COELHO: LEITURAS, DIÁLOGOS E FUTUROS. LISBOA: EDIÇÕES COLIBRI, 2017.**

**Rodrigo Octávio Cardoso<sup>1</sup>**

**Resumo:** *Visitas a João Paulo Borges Coelho: leituras, diálogos e futuros* é uma coletânea de 13 ensaios de notáveis especialistas em literaturas africanas de língua portuguesa, discutindo a obra de João Paulo Borges Coelho, um dos autores mais profícuos das literaturas em língua portuguesa nos últimos anos. Trata-se de textos que examinam algumas das linhas de força da obra do escritor moçambicano, explorando temas, imagens e questões teóricas caras à crítica literária contemporânea. Promovem, assim, um debate enriquecedor que ilumina diversas problemáticas relativas às literaturas africanas, à teoria pós-colonial e à crítica literária, em suas relações com outras disciplinas como a história, a sociologia e a ecocrítica. A coletânea também apresenta, ao final, um conto inédito do autor analisado.

**Palavras-chave:** Khan; João Paulo Borges Coelho; leituras.

João Paulo Borges Coelho (JPBC) vem se mostrando um dos autores mais profícuos das literaturas em língua portuguesa nos últimos anos. Com dois livros de contos, três novelas e sete romances publicados desde 2003 até o presente momento – o último deles, *Ponta Gea*, lançado ainda no ano de 2017 –, além de dois livros de quadrinhos publicados nos anos 1980, o escritor moçambicano, nascido no Porto, tem se revelado versátil e surpreendente. Também é significativa a crescente produção crítica que

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria e História Literária na Unicamp: rodrigoabc Cardoso@gmail.com.

vem se formando, em diversos países, ao redor do autor, a qual, no entanto, ainda é relativamente esparsa e dispersa, na forma de resenhas em jornais e cadernos de cultura, artigos publicados em diversas revistas acadêmicas e algumas teses e dissertações. Precisamente com a finalidade de sanar a falta de um material crítico mais coeso e organizado é que foi publicado, no último ano, em Lisboa, *Visitas a João Paulo Borges Coelho: leituras, diálogos e futuros*, uma coletânea de ensaios de alguns dos mais notáveis especialistas em literaturas africanas de língua portuguesa, discutindo a obra do já aclamado autor.

Os ensaios reunidos no livro, escritos por acadêmicos de universidades do Brasil, de Portugal, da Inglaterra e dos Estados Unidos, examinam algumas das linhas de força da obra do escritor moçambicano, explorando temas, imagens e questões teóricas caras à crítica literária contemporânea. Promovem, assim, um debate enriquecedor que ilumina diversas problemáticas relativas às literaturas africanas, à teoria pós-colonial e à crítica literária, em suas relações com outras disciplinas como a história, a sociologia e a ecocrítica. Abrem também caminhos para a interpretação da obra de JBPC, cada vez mais lida e discutida no âmbito da língua portuguesa, especialmente depois de ganhar o Prêmio Leya, em 2009, com o romance *O olho de Herzog*.

A coletânea, publicada pelas Edições Colibri, com o apoio da Universidade de Brown (EUA), reúne 13 ensaios que exploram diversas imagens e temas recorrentes na obra de JBPC e analisam alguns de seus romances, novelas e contos, além de trazer, no Anexo, um conto inédito, “Anjo voador”, oferecido pelo escritor especialmente para o livro, e um discurso de apresentação da professora e escritora Fátima Mendonça, proferido em Maputo por ocasião do lançamento do romance *Campo de trânsito*.

primeiro texto, do professor Nazir Ahmed Can, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), faz uma revisão da bibliografia crítica a respeito do autor produzida até 2017, sistematizando e apresentando os diversos textos que abordam a obra de JBPC, tornando explícitas tendências, regularidades e faltas da crítica. A extensa e abrangente recolha feita por Can oferece ao leitor crítico um mapa apontando várias possíveis entradas e referências importantes para o estudo da obra desse autor.

texto seguinte, Can aborda uma das imagens que parecem ser mais recorrentes e significativas na obra de JPBC. A ponte, desde seu primeiro romance, *As duas sombras do rio*, e sua ausência, como metáfora e como

coisa real, marca o desencantamento do escritor diante das disjunções e separações espaciais, culturais e temporais na cultura, história e sociedade moçambicanas. A ausência de pontes “físicas e simbólicas” (p. 57) aponta para as tensões no imaginário e nas práticas pós-independência no país, presentes nos diversos romances e novelas do escritor, e funciona como a expressão estética de uma preocupação ética com o estabelecimento de travessias que possam colocar em diálogo os diversos grupos e classes sociais que vivem separados no país, entre o passado e o presente.

prosseguimento à discussão de *As duas margens do rio*, Carmem Lúcia Tindó Secco discute as fraturas da nação moçambicana através de uma análise simbólica do romance. Problematizando a formação de historiador de JPBC, Secco explora o contraste entre ficção e história mencionado por ele em entrevistas e evidenciado em sua obra. O romance lança mão de uma narrativa temporalmente híbrida para explorar o hibridismo religioso do país, investigando a relação entre literatura, história e mito a fim de evidenciar os conflitos históricos entre o norte rural e as pequenas elites urbanas do sul de Moçambique. Relacionando as metáforas literárias, as crenças populares da terra, como a incorporação de espíritos, e os traumas da colonização, o narrador espelha, através de uma série de impasses diante do outro, os impasses da construção de uma identidade nacional moçambicana, rompendo dicotomias binárias e negociando entre uma pluralidade de identidades “esgarçada[s] pelas imposições dos colonizadores tanto quanto por fraturas internas entre as etnias do norte e do sul” (p. 86).

Passando de *As duas sombras do rio* para *Campo de trânsito*, Ana Margarida Fonseca aponta para o especial interesse de JPBC na história recente de violência, pós-independência, em Moçambique, e quanto aos desafios que trouxe para a formação de uma memória e identidade nacionais. A autora explora a imagem do rio como elemento geográfico concreto e como metáfora, estabelecendo fronteiras e estruturando a formação de aldeias e assentamentos, carregando o trauma histórico do tráfico de escravos, ao mesmo tempo que fornece um elemento vital no presente, dividindo, mas também permitindo, a travessia. Fonseca destaca o caráter de zona de contato do rio na obra do escritor, em sua busca por construir identidades através de cruzamentos não essenciais, fazendo da diferença o motor de uma “mútua fecundação entre o mesmo e o alheio” (p. 97). A importância desses espaços intersticiais também se manifesta em *Campo de trânsito*, em que o narrador procura esboçar

a individualidade dos personagens enquanto resistem à massificação instaurada pelo diretor do campo, entendida como uma possível metáfora da globalização. De modo particular, essa resistência se manifesta pela reação das personagens femininas, subalternizadas pelo processo de coletivização do campo.

Já Emanuelle dos Santos lê em *Campo de trânsito* uma crítica à forma do Estado-nação como *comunidade imaginada*, fazendo um contraponto à teorização de Benedict Anderson. A professora da Universidade de Birmingham explora o potencial da obra literária para fazer uma crítica histórica do presente, destacando a ausência de elementos que localizem definitivamente o espaço onde se passa o enredo como fator que possibilita uma crítica que ponha em diálogo o local e o global, lançando mão também da crítica ao universalismo e ao localismo de Walter Mignolo. Através da análise do livro de JPBC, dos Santos coloca em questão as origens nacionalistas e anticoloniais da teoria pós-colonial, destacando a importância da crítica periférica da teoria, explorando os embates entre memória canônica e memória do arquivo, encenados no romance, e aponta, dessa forma, para a necessidade de ultrapassar a dicotomia entre tradição e modernidade na crítica das formações nacionais.

O romance *As visitas do Dr. Valdez* é discutido em dois ensaios da coletânea, por Leonor Simas-Almeida e por Ana Ilievska. Em uma comparação com *Crônica da rua 513.2*, romance experimental de JPBC, Simas-Almeida procura revelar a potência do discurso literário frente ao discurso histórico, apontando para a identificação que a obra literária, de um modo especial, é capaz de produzir no leitor e para o uso alargado da metáfora que a caracteriza. Entendendo mimesis como simulação, mais que cópia ou imitação, a teórica enfatiza o engajamento do leitor no enredo, quando os romances o levam a tomar parte nas situações e vivenciar, de algum modo, a história. Se, em *As visitas*, existe uma experiência da própria cena da mimesis quando o servo Vicente, em visitas às patroas, se disfarça de Dr. Valdez, forçando paulatinamente uma subversão das hierarquias, a abordagem literária das tensões geradas pela guerra civil em *Crônica da rua 513.2* é capaz de revelar cumplicidades entre lados opostos, tornadas opacas pelo discurso histórico, explorando a ironia e a troca de papéis entre personagens para evidenciar a proximidade entre contrários e o autoritarismo do Estado independente e seu discurso racionalista. O livro aponta, assim, segundo Simas-Almeida, para as limitações da revolução diante do neocolonialismo capitalista.

Já a professora Ilievska destaca a abordagem do deslocamento das populações devido à guerra civil em *As visitas do Dr. Valdez*, explorando o conceito de liminaridade na constituição de situações transitórias e sua importância para a formação de uma nova *communitas* entre os sujeitos, marcados pela ambiguidade trazida por essa situação liminar. Lê, assim, no romance, “o desfecho da colonização portuguesa [...] negociado e resolvido” nas três personagens, enfatizando também a presença de uma ficção dentro da ficção nas encenações de Vicente, que enceta uma situação de dupla liminaridade. Aí, o ser híbrido e liminar desse personagem disfarçado de Dr. Valdez prepara as duas patroas para a nova configuração do mundo exterior – o fim da velha ordem e a passagem à nova. A casa é então, na narrativa, um espaço metonímico do país. A crítica evoca, por fim, o romance *O retorno*, de Dulce Maria Machado, em que um processo similar se dá, quando um hotel que recebe em Lisboa os retornados da colonização após as independências se torna um espaço híbrido, preparando essas pessoas para a nova ordem.

Em um breve ensaio a respeito do conto “O pano encantado”, do primeiro volume de *Índicos indícios*, nomeado *Setentrião*, a poeta e ensaísta portuguesa/moçambicana Ana Mafalda Leite explora a narrativa de JBPC para evidenciar os preconceitos cartográficos que informam o imaginário sobre a África, envolto em “signos do orientalismo” que a exotizam e estereotipam. O conto trata da Ilha de Moçambique, que é lida por ela como “fenômeno de uma dinâmica da cultura em rotação” (p. 132). Leite ressalta mais uma vez a figura da ponte na obra do autor, que “estabelece a poética da relação” (p. 132). As relações entre terra e mar, ilha e continente, mito e história no conto abrem caminhos para uma história e memória ocultas que “refazem uma pertença moçambicana, que é também islâmica e índica” (p. 136).

Também a novela *Hinyambaan*, que narra a viagem de uma família sul-africana através de Moçambique até Inhambane, publicada em 2008, é analisada em dois ensaios na coletânea. Jessica Falconi faz um frutífero diálogo com diversos teóricos do turismo, evidenciando como o autor explora o imaginário dos sul-africanos e seu *olhar turístico* para Moçambique a fim de criticar uma ideia estereotipada de primitivismo e desorganização, e um discurso paternalista, cultivados a respeito do país. Para isso se utiliza ironicamente da paixão dos turistas por mapas, seu desejo do exótico, de uma experiência local “autêntica”, sua busca por “signos da alteridade” que servem, antes de tudo, para delimitar uma

barreira que os separa e hierarquiza na necessidade que têm de se manter isolados e protegidos da natureza e da alteridade. Ao mesmo tempo, o *olhar mútuo* gerado em situações de encontro com os nativos (assim como com animais, olhados de forma semelhante pelos turistas) se manifesta como uma forma de resistência destes.

Similarmente, Sheila Khan, partindo de uma leitura mais pessoal, destaca as dicotomias encenadas na novela entre um “Nós-território” sul-africano e um “eles-lugar” moçambicano, e as assimetrias nos processos de desenvolvimento social e histórico entre os dois países. Para ela a narrativa revela como “o mundo da experiência de humanidade nunca é igualitário e democrático, pelo contrário é uma ininterrupta cadeia de desigualdades” (p. 170). Entretanto, sugere que o desenrolar do enredo e as experiências vividas pelos personagens de um confronto cultural com o Outro, que revela sua pessoalidade, podem dar a conhecer a possibilidade de uma “ecologia dos saberes” e uma convivência das diversidades.

O romance ganhador do Prêmio Leya, *O olho de Herzog*, é analisado por Sandra I. Souza ao lado de uma crítica em torno do personagem histórico, ficcionalizado pelo romance, do jornalista mulato João Albasini, em sua militância contra o racismo na Lourenço Marques (antigo nome de Maputo), no início do século XX. Para a autora o romance testemunha uma reação crítica ao luso-tropicalismo freyreano, reavivado por Boaventura de Sousa Santos no ensaio “Entre Próspero e Caliban”, enquanto um apagamento de um “racismo perverso porque naturalizado” (p. 189). Se o ensaio do sociólogo português afirma que o mulato é a evidência de um racismo mais ameno, a historiografia contemporânea, bem como o personagem de João Almino, mulato assimilado, no romance, revelam a sociedade colonial cada vez mais racista do início do século, com brancos sendo privilegiados e negros e mulatos tendo suas vozes diminuídas e negadas em todos os espaços. Assim, afirma Sandra I. Souza: “O mestiço, no caso português, não vem alterar as regras do jogo de poder. Ele é usado na teoria para afirmar uma tolerância que se nega ou anula na prática” (p. 191). Enfatizando a complexidade e o refinamento conceitual e crítico da obra de JBPC, Elena Brugioni explora o jogo entre “narração, H/história e memória” (p. 195) no romance *Rainhas da noite*. Problematizando aspectos envolvidos nas “dinâmicas de preservação e difusão do livro” (p. 196) e partindo de dentro do enredo do romance para sua própria recepção crítica, Brugioni discute questões relativas à importância de fontes e documentos na elaboração de e na contraposição entre “memória cultural

coletiva e cultura material” (p. 196). Levando em conta também a situação concreta das bibliotecas de Maputo, ela discute a relação entre patrimônio cultural, ambiental e ecológico. Segundo a autora, no texto de JPBC há uma “configuração da escrita literária que refunda a relação entre ficção e realidade, memória e história, experiência e objetividade” (p. 200). Ela destaca, ainda, a protagonização do narrador para a composição do efeito literário, assim como a não coerência e não coesão da temporalidade do romance, refletindo os impasses e contradições da narração histórica. Explorando, por fim, o uso da fotografia no texto, destaca a relação “antifrástica” produzida entre texto e imagem, promovendo a “desconstrução de uma visão do arquivo como repositório da verdade” (p. 203).

No último ensaio do livro, Isabel Ferreira Gould retoma mais uma vez o tema elemental da água e discute questões de fronteira entre o rural e o urbano em *Água, uma novela rural*. Afirma que a novela expõe a “complexidade d[e um] mundo rural” habitável pela modernidade, destacando a importância do diálogo como alicerce comunitário, utilizado para dar voz à figura do outro nos personagens. Como se dá também no conto inédito que encerra o livro, “Anjo voador”, Gould destaca a convivência entre tecnologia e precariedade, na presença de um excesso pontual de modernidade em um ambiente não moderno, na forma do telefone celular.

O breve conto “Anjo voador” apresenta um exemplo notável da escrita do autor. Explorando a situação cotidiana de um jovem que toma uma condução para ir à faculdade, em poucas palavras o conto é capaz de trazer à tona questões de desigualdade social e a precariedade da vida de certas camadas da população que, entretanto, convivem com uma realidade de alta tecnologia, sem estranhamento. A convivência de diversas temporalidades na experiência de uma sociedade é encenada formalmente na oscilação da narrativa entre dois tempos, uma marca do estilo do autor, como sugerem diversos ensaios presentes no livro, fazendo do conto uma peça paradigmática dessa escrita.

Há, talvez, um certo desequilíbrio entre os textos, trazendo vários ensaios com grande profundidade conceitual e interpretativa, e alguns com visões mais gerais, apenas apresentando elementos possíveis de análise em uma ou outra obra. Sente-se também a falta de abordagens mais amplas da obra de JPBC, que certamente seriam muito enriquecedoras, embora

a recorrência de alguns elementos como a ponte e o rio, a disjunção e o contato, já aponte alguns caminhos para leituras mais gerais.

Apresentando, contudo, textos de importantes especialistas e englobando uma grande diversidade de abordagens críticas e teóricas, a coletânea *Visitas a João Paulo Borges Coelho: leituras, diálogos e futuros* é, sem dúvida, um marco que abre o campo para as abordagens críticas do autor moçambicano. No oportuno momento em que é cada vez mais lido e discutido, a edição de acabamento primoroso da Edições Colibri vem suprir a falta de uma obra mais ampla e organizada que discuta a prosa do já célebre escritor e deve impulsionar muitas novas e frutíferas leituras.